

Editorial

Economie Brasil

Visão justa e competente

O Editorial do The New York Times, a mais importante voz do pensamento capitalista no mundo, a respeito da situação do Brasil e suas conexões com a vasta teia de interesses que constituem os ligamentos da economia ocidental, foi magistralmente lúcido. O jornal viu o confronto entre os interesses políticos dos Estados Unidos e da democracia e a atual tentativa do FMI de constranger o desenvolvimento do Brasil, potencializando perturbações sociais difíceis de se conformar no quadro da evolução política interna. "Demasiada austeridade pode ser um convite à inquietação", afirma o jornal, citando o recente episódio de São Paulo como indicador precioso do nível da tensão social interna no país.

Raras vezes a grande imprensa americana apropriou tão adequadamente a realidade interna brasileira ou teve igual sensibilidade para identificar a natureza verdadeira das crises em países não desenvolvidos. O jornal critica, como internamente o fazem aqui as pessoas mais lúcidas, o caminho da contração econômica como remédio para a recuperação de um país socialmente tão desestruturado. A terapia do FMI não é aplicável ao Brasil, agora quem diz é The New York Times, sob pena de desencadear efeitos políticos capazes de esterilizar todo o esforço que vem sendo empregado.

O que deveria ser feito — novamente é o jornal americano que raciocina — contrariamente ao que se faz, deveria ser um esforço adicional e satisfatório por parte dos Estados Unidos e do sistema internacional como um todo visan-

do a recuperar o Brasil e assim deviá-lo da rota de confronto com a chamada ordem econômica internacional. O Brasil é hoje, por todas as razões, mais importante para a causa da democracia do que a Nicarágua, país para o qual o governo americano desvia praticamente toda a ênfase de sua política de ajuda externa. As ameaças que a situação brasileira oferece à estabilidade política do continente e à estabilidade financeira do mundo são infinitamente superiores àquelas que se potentializam na América Central, dado o porte do Brasil e o nível do seu passivo financeiro.

Não defendemos, entretanto, nem desejamos qualquer ajuda externa no sentido em que ela é usualmente definida pela política externa americana. O que o Brasil exige é que as responsabilidades pela situação interna sejam compartilhadas por todos os que a criaram, entre estes sobressaindo o sistema internacional que nos exportou sua inflação, cobrou-nos juros extorsivos e cartelizou o comércio internacional em detrimento dos países em desenvolvimento. Para esta vertente da crise deve refluir parte do ônus que todos teremos de pagar. O que o governo americano deve fazer agora é informar ao sistema financeiro que ele terá de perder alguma coisa para salvar o principal e, concomitantemente, afrouxar os controles que exerce sobre os mecanismos de comércio para que o Brasil possa reencontrar o caminho da recuperação econômica e da preservação do seu sistema político.